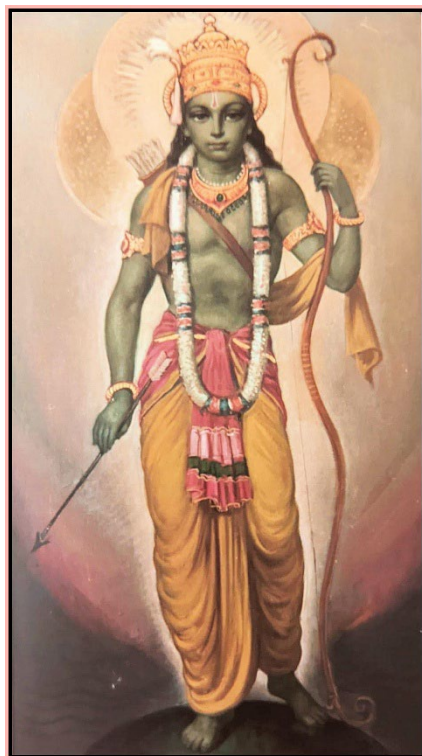


ADHYATMA RAMAYANA



Tradução do original para o inglês por Swami Tapasyananda¹

ARANYA KANDAM

Capítulo 1 RUMO A DANDAKARANYA

Redenção de Viradha (1-35)

1. Rama passou o resto do dia naquele Ashrama e, pela manhã, despediu-se do sábio, estando pronto para iniciar sua jornada.

¹ Swami Tapasyananda (1904-1991), foi Vice-Presidente da Ordem Ramakrishna de 1985 até seu falecimento.

2. Ele disse ao sábio: “Ó santo! Estamos todos indo para a floresta conhecida como *Dandaka*, onde muitos ascetas estão. Buscamos sua bênção.
3. -5. Por favor, instrua alguns de seus discípulos para nos mostrar o caminho.” Ouvindo as palavras de Rama, o grande sábio Atri disse, sorrindo: “Ó Rama! Tu, o suporte até dos seres celestiais! Tu és o Descobridor de Caminhos para todos os seres. Como pode, então, alguém mostrar-te o Caminho? Ainda assim, seguindo o modo do mundo, mostraremos o caminho.” Com estas palavras, ele designou alguns de seus discípulos para o propósito e ele mesmo seguiu Rama por alguma distância. Persuadido por Rama a retornar, o sábio o fez de acordo e voltou ao seu Ashrama.
6. -9. Quando caminharam a distância de cerca de um *Krosa*, encontraram um grande rio. “Como podemos cruzar este rio?” perguntou Rama, e os discípulos de Atri responderam: “Ó nobre descendente da linhagem de Raghu! Há um excelente barco para esse propósito. Nós mesmos os levaremos através do rio em pouco tempo.” Então buscaram o barco, se sentaram Rama, Sita e Lakshmana nele, e os próprios jovens ascetas remaram com o grupo através do rio. Rama apreciou muito a habilidade que exibiram. Eles depois retornaram ao Ashrama de Atri.
10. -11. Agora Rama e seu grupo entraram na terrível e densamente arborizada floresta de *Dandaka*. Com o ruído agudo de insetos, com animais de várias espécies por toda parte, com animais selvagens perigosos como leões e tigres rondando, e com *Rakshasas* de aparência feroz infestando seus arredores, aquela floresta aterrorizante criaria arrepios no corpo de qualquer um. Entrando na floresta, Rama disse a Lakshmana, o filho de Sumitra:
12. -13. “Daqui em diante devemos viajar com muito cuidado. Junto comigo, você deve ter seu arco armado e flechas prontas à mão. Eu caminharei na frente e você atrás. Sita caminhará entre nós, assim como Mâyā, o poder ilusório, fica entre o *Paramātmā* (Espírito Supremo) e o *Jiva* (o espírito encarnado).
14. Olhe ao redor cuidadosamente. Ó heroico! *Dandakaranya* é notória pelos muitos *Rakshasas* que a infestam. Ouvi falar disso mesmo antes.”
15. -17. Viajando e conversando assim entre si, cobriram cerca de um *Yojana* e meio quando encontraram um lago de águas frias e cristalinas cheio de lótus e lírios aquáticos de vários tipos. Aproximando-se daquele lago, beberam de suas águas doces e sentaram-se sob uma sombra em sua margem por algum tempo. Um monstro de aparência terrível apareceu agora à vista deles.
18. -19. O monstro tinha presas ferozes e seus uivos espalhavam terror por todos os lados. Em seu ombro esquerdo repousava um tridente, na ponta afiada do qual estavam empalados vários corpos humanos. Ele se movia, comendo qualquer animal selvagem que via — fosse elefante, tigre, leão ou bisão. À vista daquele monstro, Rama levantou seu arco pronto para uso e disse a Lakshmana:
20. -21. “Olhe, irmão, o que está diante de nós. Lá vem um *Rakshasa* com um corpo enorme em nossa direção. Sua forma é inspiradora de medo naqueles que são

tímidos. Fique com seu arco em prontidão. Não tenha medo, ó filha de Janaka.”
Dizendo isso, Rama ficou firme como uma montanha, arco e flecha na mão.

22. Vendo Rama junto com Sita e Lakshmana, aquele monstro soltou uivos ferozes e disse o seguinte de maneira ameaçadora:
23. -24. “Quem são vocês nas formas assumidas de ascetas vestindo casca de árvore e cabelos emaranhados, mas com arcos e flechas nas mãos e acompanhados por uma mulher? Vocês são belos e extremamente irresponsáveis. Ai! Estão quase na minha boca como um pedaço de comida para mim. Por que ousaram entrar nesta terrível floresta infestada por todos os tipos de criaturas ferozes?”
25. -26. A estas palavras do *Rakshasa*, Rama respondeu sorrindo: “Eu sou Rama. Este é meu querido irmão Lakshmana e esta minha esposa Sita. Por ordem de meu pai, viemos aqui para libertar este lugar de sujeitos ameaçadores como você.”
27. -29. Ouvindo estas palavras de Rama, o demônio soltou um uivo terrível e, com a boca bem aberta e segurando o tridente com ambas as mãos, gritou apressadamente: “Ó Rama! Você não ouviu falar de mim, o mundialmente renomado Viradha? Todos os ascetas deixaram esta região da floresta por medo de mim. Se você quer salvar sua vida, abandone suas armas e deixe Sita aqui, e fuja com toda a pressa. Caso contrário, vou devorar ambos.”
30. Com estas palavras, o *Rakshasa* avançou para agarrar Sita. A isto, Rama cortou ambos os seus braços com uma única flecha com a máxima facilidade.
31. -32. Então, com a boca bem aberta com grande raiva, ele veio correndo em direção a Rama. Confrontando Viradha, que vinha atacando, Rama cortou suas duas pernas com a máxima facilidade para o espanto de todos.
33. -34. Viradha agora rastejou em direção a Rama como uma serpente com o objetivo de devorá-lo. Agora, com uma flecha semicircular, Rama cortou sua cabeça, que caiu num rio de sangue no chão. Sita então parabenizou Rama por seu grande feito.
35. Os tambores dos céus agora soaram. Os seres celestiais e as *Apsaras*, as artistas celestiais, dançaram enquanto os *Gandharvas* e os *Kinnaras* cantavam.

Hino de Viradha (36-46)

36. Saiu do corpo de Viradha uma forma muito bonita, brilhante, vestida com excelentes vestes, decorada com ornamentos dourados brilhantes e luminosa como o sol no céu.
37. Aquele ser com uma aparência muito plácida agora várias vezes se prostrou diante de Rama, que destrói as tristezas de todos que se prostram diante dele e buscam refúgio nele, que é capaz de encerrar o período dos *Jivas* em *Samsāra*, e que é um verdadeiro tesouro de misericórdia.
38. Viradha disse: “Ó Rama de olhos de lótus! Eu sou um *Vidyadhara* de forma luminosa. Nos dias antigos, fui amaldiçoado sem motivo especial pelo sábio

Durvasas, que é uma encarnação da raiva. Hoje sou liberado do efeito disso por Ti.

39. -40. Livre de *Samsāra*, que minha mente sempre mantenha a lembrança de Teus pés de lótus. Que minha fala esteja sempre engajada em proferir Teus nomes exaltados. Que meus ouvidos sempre absorvam o néctar de Tuas histórias. Que minhas mãos estejam constantemente engajadas em fazer oferendas a Ti. Que minha cabeça esteja sempre colocada a Teus pés em prostração. Que todo o meu ser, corpo, mente e alma seja assim absorvido no serviço a Ti.
41. -42. Saudação a Ti, Rama e Sita — Tu, o Ser Supremo e criador dos mundos. Desprovido de todos os atributos, Tu és da natureza da Pura Consciência, sempre absorvido em Teu próprio Ser. Proteja-me, que sou um refugiado a Teus pés. Com Tua permissão, ó Tu, o mais nobre da linhagem de Raghu, gostaria de ir para minha morada celestial. Que Tua Māyā nunca esconda minha visão.”
43. Quando Viradha orou desta forma, o nobre Rama ficou muito satisfeito e, num estado de grande alegria, concedeu bênçãos a Viradha.
44. Ele disse: “Ó *Vidyadhara*! Você pode agora ir. Ao ver-Me, você superou todas as limitações da Māyā. Você se tornou liberado neste mesmo momento e foi elevado à categoria dos grandes conhecedores.
45. Neste mundo de seres vivos, a devoção pura a Mim é muito raramente encontrada; pois se alguém tem aquele tipo de *Bhakti*, ele atinge *Mukti* imediatamente e não permanece mais neste mundo de seres em cativeiro. Então, dotado de *Bhakti*, você agora, a Meu comando, atingirá *Mukti*.”
46. Rama destruiu este feroz *Rakshasa*, mas o *Rakshasa* assim ganhou a liberação. Ele recebeu as bênçãos e dádivas de Rama e atingiu o status de um *Vidyadhara* novamente. Assim, todo homem atingirá todas as bênçãos da vida se apenas servir a Rama e cantar hinos em seu louvor.

Capítulo 2

VISITA AOS ASHRAMAS DE SARABHANGA E SUTIKSHNA

No Ashrama de Sarabhangha (1-12)

1. Depois que Viradha atingiu a salvação, Rama junto com Sita e Lakshmana foi ao pacífico eremitério florestal do sábio Sarabhangha.
2. À vista de Rama chegando ao seu lugar na companhia de Sita e Lakshmana, o sábio de mente elevada Sarabhangha levantou-se de seu assento apressadamente por respeito aos visitantes.
3. Ele foi em direção a eles, recebeu-os cordialmente e ofereceu-lhes assentos. Ele então lhes fez sua hospitalidade com raízes, frutas, etc., disponíveis na floresta.

4. -5. Alegre com a presença de Rama, o refúgio de todos os devotos, em seu eremitério, o sábio Sarabhangha disse: “Ó Rama! Tu és verdadeiramente o Senhor de todos. Com o objetivo de Te encontrar, tenho ficado aqui há muito tempo, resolvido a me engajar em austeridades. Quaisquer méritos que adquiri, tudo isso ofereço a Ti para que eu possa obter *Moksha* ou *Mukti*.”
6. Depois de assim oferecer todos os seus méritos aos pés de Rama, o santo sábio Sarabhangha, que era cheio de renúncia, prostrou-se diante daquele ser imensurável, Rama na companhia de Sita. Então, sem mais demora, ele se preparou para entregar seu corpo às chamas, mantendo sua mente absorvida em Rama.
7. Ele manteve sua mente por muito tempo em meditação naquela forma de Rama — azul como grama *Durva*, de olhos de lótus, vestido com roupa de casca de árvore, usando cabelos emaranhados, acompanhado por Sita e Lakshmana, e estabelecido nos corações de todos.
8. Ele pensou: “Olhe! Quem há tão misericordioso, tão liberal para seus devotos além de Rama? Maravilha das maravilhas, ele veio aqui por sua própria vontade para me abençoar, intuindo como tenho constantemente pensado nele.
9. Purificado em mente e queimando este corpo no fogo, atingirei o reino de Brahmā na própria presença de Rama, o Ser Supremo nascido como filho de Dasaratha.
10. Que Rama, o Senhor de *Ayodhya*, sempre habite em meu coração — Rama em cujo colo está sentada Sita como um relâmpago nas nuvens.”
11. -12. Assim, por um longo tempo, ele olhou para Rama parado diante dele e meditou nele na mente. Então, ateando fogo à pira, reduziu seu corpo físico a cinzas, ganhou um corpo divino e atingiu o reino de Brahmā. Subsequentemente, um grande número de ascetas habitando a floresta *Dandaka* veio encontrar Rama no eremitério de Sarabhangha.

Rama jura extirpar os Rakshasas (13-24)

13. Vendo todos aqueles homens santos, Rama, Lakshmana e Sita, que pelo poder de Māyā assumiram formas e maneiras humanas, saudaram a todos apressadamente fazendo prostrações completas.
14. Pronunciando suas bênçãos sobre Rama, o residente dos corações de todos, eles disseram o seguinte com as palmas unidas a ele, que não era outro senão Hari, equipado com arco e flecha:
15. -16. “Sabemos que Tu és Mahavishnu, Sita é Tua consorte Lakshmi, Lakshmana é Sesa e Bhārata e seu irmão Satrugna são Tua Concha e Disco. Implorado por Brahmā, Tu estás encarnado neste mundo para livrar a terra de sua carga. Portanto, está entre os principais objetivos de Tua missão, aliviar os *Rishis* de suas tristezas e dificuldades.

17. Ó Rama! Que Te dignes a vir junto com Sita e Lakshmana para ver a floresta habitada por ascetas. Nós Te levaremos àqueles lugares. Quando Tu vires os lugares lá e souberes nossas condições de vida, Tu serás movido por um poderoso impulso de misericórdia em relação a nós.”
18. Sendo assim implorado por eles, o todo-poderoso Rama foi junto com aqueles ascetas para ver suas moradias.
19. Em todos aqueles lugares, Rama viu aqui e ali muitos esqueletos de cabeças humanas. A esta visão, Rama perguntou:
20. De quem são esses esqueletos e cabeças? Como eles caíram aqui?” Os ascetas responderam: “De fato, eles são as cabeças de *Rishis*.
21. Quando os ascetas estão inconscientes do mundo externo no estado de meditação, os *Rakshasas* comem suas cabeças e jogam os ossos aqui e ali. Eles fazem isso cuidadosamente observando o momento em que os sábios em meditação não estão cientes das condições externas.”
22. Ouvindo estas palavras lastimáveis dos assustados *Rishis* e *Munis*, Rama então ali fez o voto de que destruiria toda a tribo de *Rakshasas*.
23. -24. Desta forma, o nobre Rama da linhagem de Raghu, junto com Sita e Lakshmana, passou alguns anos, visitando os *Ashramas* dos *Rishis* daquelas regiões, recebendo em todos os lugares a recepção cordial desses ascetas.

No Ashrama de Sutikshna (25-41)

25. No curso dessas viagens, um dia ele chegou ao Ashrama do sábio Sutikshna, que tinha um clima agradável em todas as estações, que proporcionava os benefícios de cada estação sempre e que era habitado por um grande número de *Rishis*.
26. Sutikshna era um discípulo do sábio Agastya e costumava proferir o nome sagrado de Rama sempre. Ouvindo sobre a chegada de Rama, ele veio pessoalmente e, movido por um grande espírito de devoção que se manifestava em seus olhos, recebeu-o com a devida adoração. Sutikshna disse:
27. “Ó Rama, consorte de Sita, e o deleite de todos! Tu estás além dos limites do Conhecimento e dotado de excelências que são ilimitadas. Teus pés são buscados até mesmo por Parameswara e Brahmā. Tu és o único barco sem faltas para todos os *Jivas* cruzarem o oceano de *Samsāra*. Eu sou alguém dado à repetição de Teu santo *Mantra* e servo até mesmo de Teus servos.
28. Eu sou alguém ligado pelo cordão da identificação com o corpo, que não é nada além de uma massa de material imundo. Estou confinado ao poço abandonado da vida familiar, centrando-se em esposa e filhos e outros relacionamentos mundanos. Ainda assim, Tu, que estás além do conhecimento de todos os seres neste universo, dignaste-Te a vir aqui, me procurando por Tua própria vontade.
29. Embora Tu habites nos corações de todos, Tu escondes com Teu poder ilusório a visão daqueles que não estão dispostos a repetir Teu nome. Mas a ilusão de

Mâyā não afeta aqueles que são devotos à repetição de Teu santo nome. Assim como no caso da árvore celestial, a *Kalpaka Vriksha*, os frutos de Tua graça vêm para aqueles que Te buscam.

30. Tu és a única causa para a criação, sustentação e dissolução do universo. Ao assumir Mâyā com suas três *Gunas* de *Sattva*, *Rajas* e *Tamas*, Tu Te manifestas de três maneiras como Brahmā, Vishnu e Maheswara. Ó Supremo! Como o único sol é refletido como muitos em diferentes potes de água, assim Tu assumes diferentes formas com diferentes adjuntos.
31. Ó Rama! Tu, que transcendes a escuridão de *Tamas* e que és o Sujeito Último, dignaste-Te hoje a revelar-Te diante de mim como um objeto de percepção. Embora invisível para os ímpios, Tu realmente Te revelas àqueles cujos corações foram purificados por Teu nome sagrado.
32. Ó Rama! Embora sem forma, Tu assumiste uma forma em associação com Mâyā. Vejo-Te diante de mim em uma forma humana assumida mais bela que inúmeros Cupidos — uma forma encantadora com um sorriso doce que revela um coração derretendo de misericórdia, e com arco e flechas atraentes nas mãos.
33. Saudações a Ti, cada vez mais, ó Rama! Minha única riqueza e fortuna, que estás acompanhado por Sita e servido por Lakshmana, o filho de Sumitra, que estás vestido com pele de veado, que tens o brilho de um lótus azul, que és muito calmo, que és o centro de inúmeras excelências e que és o objeto de serviço e devoção de todas as pessoas disciplinadas.
34. Ó Rama! Que os filósofos Te conheçam como transcendendo todo tipo de adjuntos como espaço e tempo e a luminosidade da pura consciência. Mas eu, um devoto, não aspiro por nada além desta forma Tua concretamente presente diante de mim. Que ela brilhe em minha consciência em todos os momentos!”
35. Ao sábio Sutikshna, que ofereceu este hino de louvor, Rama disse, sorrindo: “Eu sei que pela adoração a Mim, seu coração se tornou muito puro.
36. -39. É por isso que vim vê-lo. Não há meio além da devoção para me realizar. Eu sempre Me revelo àqueles que repetem Meu *Mantra*, que buscam abrigo em Mim sem depender de qualquer coisa ou pessoa. O hino que você Me endereçou é querido por Mim. Quem estuda este hino sempre, neles será gerada devoção pura e iluminação espiritual. Você se tornou livre mesmo neste mundo por sua devoção a Mim. Após a queda de seu corpo, você atingirá *Sayujya* — a liberação de se tornar Meu próprio Ser. Não há dúvida sobre isso. Agora desejo conhecer seu mestre, o grande sábio Agastya. Estou extremamente desejoso de viver por algum tempo naqueles arredores onde aquele sábio habita.”
40. -41. Sutikshna concordou com esta proposta e disse: “Ó Rama! Iremos lá amanhã. Eu também o acompanharei. Faz tempo que vi aquele sábio.” De manhã acompanhado pelo sábio Sutikshna, Sita e Lakshmana, Rama partiu para a residência do irmão de Agastya com uma mente ansiosamente interessada em comungar com aquele sábio.

Capítulo 3

NO ASHRAMA DO SÁBIO AGASTYA

Encontro com o sábio Agastya (1-16)

1. Ao meio-dia, Rama junto com Sutikshna, Sita e Lakshmana alcançou o eremitério do irmão de Agastya, de nome Agnijihwa.
2. Aquele sábio deu-lhe uma calorosa recepção e alimentou-o com raízes e frutas. Levantando-se cedo na manhã seguinte, eles começaram a viagem para o Ashrama de Agastya.
3. -4. Aquele eremitério era notado pela presença de frutas e flores de todas as estações. Estava cheio de animais de várias espécies e sua atmosfera estava preenchida com os doces gorjeios de muitos tipos de pássaros. Assemelhava-se a *Nandana*, o jardim do Céu. Era um refúgio de *Brahmā Rishis*, *Deva Rishis* e ascetas residentes. Preenchia as pessoas com a sensação de que era outro *Brahma-Loka*.
5. Parando fora dos arredores daquele Ashrama, Rama disse a Sutikshna: “Você, por favor, entre e anuncie que eu vim.
6. -9. Diga ao sábio que, junto com Sita e Lakshmana, vim vê-lo.” Dizendo que faria isso com grande prazer, Sutikshna entrou no Ashrama de seu mestre. Lá, Sutikshna viu o sábio sentado, cercado por ascetas, especialmente por devotos de Rama, e expondo a esses discípulos o significado do nome sagrado de Rama. Sutikshna fez uma saudação completa ao sábio estendendo todo o seu corpo aos pés de seu Guru e anunciou: “Ó grande e iluminado sábio! Rama, o filho de Dasaratha, acompanhado por Sita e Lakshmana, chegou para vê-lo. Ele está parado lá com as palmas unidas em saudação a você.”
10. -11. Agastya disse: “Rapidamente traga aqui Rama, que está sempre sentado em meu coração. Que você prospere! Permaneço aqui, sempre meditando nele em meu coração e sempre aspirando encontrá-lo.” Com estas palavras, ele levantou-se de seu assento e, junto com os outros ascetas, foi encontrar Rama num espírito de grande devoção e disse:
12. “Ó Rama! Digne-se a entrar. Sou de fato afortunado por encontrá-Lo agora. Você dignou-se a vir aqui como meu hóspede. Este é de fato o dia que marca a realização do objetivo de minha vida.”
13. Vendo o sábio se aproximando deles, Rama junto com Sita e Lakshmana saudou-o com alegria transbordante, estendendo-se em saudação no chão como um pedaço de lenha.
14. O grande sábio levantou Rama e abraçou-o com grande devoção. A felicidade decorrente do contato com o corpo de Rama expressou-se em um fluxo constante de lágrimas dos olhos de Agastya.
15. Segurando a mão de Rama com a sua, aquele grande sábio o levou ao Ashrama num estado de alta exaltação.

16. Ele deu-lhe um assento confortável e o adorou de maneira muito elaborada e alimentou-o com vários tipos de frutas e raízes disponíveis naquela floresta.

Hino de Agastya (17-50)

17. Rama, de rosto semelhante à lua, estando agora sentado sozinho, o santo sábio Agastya disse o seguinte com as palmas unidas em saudação:
18. -19. “O dia em que Brahmā orou a Ti na margem do Oceano de Leite para aliviar a terra de seus fardos e destruir Ravana, daquele dia tenho esperado aqui na expectativa de Tua chegada. Tenho ficado com os ascetas deste lugar, realizando austeridades e constantemente pensando em Ti na minha ânsia de Te encontrar.
20. -22. Antes do ciclo da criação começar, Tu sozinho existias sem mais ninguém, não modificado, sem qualquer adjunto. Lá está Tua potência dita como *Māyā*, que não tem existência à parte de Ti, e que estava latente em Ti mesmo com toda a multiplicidade e potencial de adjuntos nela. Quando aquele Poder, ao ser assumido por Ti, se manifesta, os conhecedores da Vedanta a chamam de *Avyakrita*, o Todo Não Manifestado. Alguns a chamam de *Mulaprakriti* (Raiz-Natureza), outros de *Māyā* (Poder Misterioso), ainda outros de *Avidyā* (ignorância), e *samsriti* (ciclo transmigratório) e *bandha* (cativoiro).
23. Sob Tua solicitação, Ela (*Māyā*) manifesta *Mahattatva* (Grande Elemento). De *Mahattatva*, sob Tua estimulação, evolui *Ahamkara* (o cósmico senso do Eu).
24. *Ahamkara*, que é uma expressão de *Mahattatva*, manifesta-se em três aspectos — o aspecto *Sattvika*, o aspecto *Rajasika* e o aspecto *Tamasika*.
25. De *Ahamkara* dominado por *Tamas*, evoluiu a essência sutil das coisas (*Tanmatra*), e delas, na devida ordem, evoluíram os elementos grosseiros — *Akasa* (éter), *Vayu* (ar), *Agni* (fogo), *Jala* (água) e *Bhumi* (terra).
26. De *Rajasika-ahamkara* evoluíram os *Indriyas* (sentidos) e de *Sattvika-ahamkara*, os *Devas* (divindades) e *Manas* (mente). Pela combinação de todos estes (evoluídos) foi formado o corpo causal universal (*Linga*), mantendo dentro de si toda a potencialidade do universo. Também é chamado de *Sutratma* (o Ser que tudo permeia) e o *Hiranyagarbha* (Potencialidade Luminosa).
27. Do *Hiranyagarbha* manifestou-se o Todo Cósmico (*Virat*), cujo corpo grosseiro consiste em todo o universo, com todos os seus seres móveis e imóveis.
28. No curso do tempo ou de acordo com a manifestação das potencialidades do Karma, os Devas, os homens e as criações brutas vieram à existência. Assumindo o constituinte de *Rajas*, Tu te tornaste Brahmā, o criador do universo.
29. Homens sábios dizem que, assumindo o constituinte de *Sattva*, Tu és Vishnu, o Protetor, e assumindo *Tamas*, Tu és também *Rudra*, o destruidor do universo. Assim, o que é chamado de *Trimurti*, o Ser Trino, não é nada além de Ti mesmo.
30. Os três estados de vigília, sonho e sono profundo, que são os três modos de *Buddhi* nascidos de seus constituintes de *Sattva*, *Rajas* e *Tamas*, são verdadeiramente Tu mesmo, ó Rama. Tu também és a Pura Consciência,

imutável e transcendente, distinta de *Buddhi* e seus modos de três estados, permanecendo como sua testemunha.

31. Ó Tu o mais nobre da linhagem de Raghu! Quando Tu desejas encenar a peça da criação, Tu assumas Teu Poder Mâyā e apareces como alguém dotado com as *Gunas* de *Sattva*, *Rajas* e *Tamas*.
32. -33. Ó Rama! Tua Mâyā tem dois aspectos — *Vidyā* (iluminação espiritual) e *Avidyā* (ignorância). Aqueles que são devotados a obras, Védicas e seculares, estão sob o domínio de *Avidyā*, enquanto os seguidores do caminho da renúncia, dados à reflexão sobre o propósito da Vedanta e à prática da devoção a Ti, são preenchidos pelo poder de *Vidyā*.
34. Aqueles que são dominados por *Avidyā* estão sempre confinados ao ciclo transmigratório, enquanto aqueles devotados a *Vidyā* tornam-se sempre livres.
35. Neste mundo, *Vidyā* brilha naqueles que têm devoção constante a Ti e sempre repetem Teu nome sagrado e refletem sobre ele, mas nunca em outros desprovidos de devoção.
36. Portanto, aqueles que têm devoção (*Bhakti*) são verdadeiramente abençoados com *Mukti* (liberação), enquanto aqueles desprovidos dessa excelência imortal de devoção nunca podem esperar experimentar *Moksha* (liberdade do *Samsāra*) nem mesmo em sonhos.
37. “De que adianta falar demais, ó Rama? Colocarei diante de Ti o requisito mais essencial da vida devocional. O contato com homens santos (*Sadhus*) é o meio essencial para a obtenção de Yoga.
38. -40. Um *Sadhu* (um verdadeiro homem santo) é aquele em quem as seguintes excelências são encontradas: equanimidade para com todos, incluindo amigo, inimigo e neutro; ausência de desejo; controle dos sentidos com relação aos objetos externos; o abandono dos três *eshanas* (desejo por filhos, por riqueza e por gozo celestial); paz mental que surge do completo autocontrole; suprema devoção a Ti; equanimidade mental no sucesso e no fracasso; ausência de todo apego; abandono de todas as ações más e egoístas; permanente interesse na contemplação sobre Brahman; a prática de *Yama* e outras disciplinas de Yoga; e a satisfação com qualquer meio de subsistência que venha espontaneamente sem buscar. Tais são as características dos homens santos. O contato íntimo com eles dá origem ao deleite em assuntos que tratam das excelências e relatos Divinos.
41. -43. Quando tal deleite é estabelecido na mente, é gerada a devoção amorosa a Deus (*Bhakti*). A devoção dá origem à realização clara e abrangente do Divino. Esta é a estrada real para *Mukti* adotada por homens de discernimento sólido. Portanto, ó Rama, que eu sempre tenha *Bhakti* caracterizada por intenso amor a Ti! Que eu, ó Hari, particularmente tenha contato com homens santos completamente devotados a Ti. O propósito da minha vida foi alcançado hoje por este encontro que estou tendo contigo.

44. Hoje, todos os rituais Védicos que pratiquei chegaram ao seu desfrute. Há muito tenho praticado austeridades sem qualquer outro pensamento em minha mente, exceto a Ti. Ó Rama! A bênção que recebi hoje através desta oportunidade de oferecer adoração a Ti nesta forma como a Encarnação é o resultado de todas as disciplinas e austeridades que tenho praticado.
45. Que Tu habites em meu coração com Sita para sempre. E que a lembrança de Ti ocorra constantemente em minha mente em todas as condições, quer eu esteja engajado em algum trabalho ou descansando!"
46. -47. Adorando Rama, o consorte de Sita, desta maneira, o grande *Rishi* Agastya presenteou a ele um arco que Indra lhe confiara para ser entregue a Rama. Ele também lhe deu uma aljava que nunca se esgota de flechas e uma espada cravejada de gemas e disse: "Ó descendente da linhagem de Raghu! Destrua com estes a tribo de *Rakshasas* que se tornou um fardo para esta terra. É para este propósito que Tu encarnaste em um corpo humano.
48. Cerca de dois *Yojanas* daqui, há um Ashrama chamado *Panchavati* nas margens do rio Gautami, cercado por uma floresta sagrada. Ó mais nobre dos descendentes de Raghu! Você pode passar o resto de sua vida na floresta naquele lugar.
49. Ó protetor de homens santos! Lá você pode realizar muitos objetivos para o benefício dos Devas."
50. Rama, que não era outro senão o onisciente e todo-poderoso Hari, tendo ouvido o hino muito significativo de Agastya e a orientação dada por ele, partiu muito satisfeito na direção indicada pelo sábio.

Capítulo 4

RUMO A PANCHAVATI

Encontro com Jatayu (1-15)

1. Enquanto viajava ao longo do caminho mostrado pelo sábio Agastya, Rama e seu grupo encontraram a águia idosa Jatayu, de tamanho como uma montanha e aparência maravilhosa.
2. Imediatamente, Rama disse: "Ó Lakshmana, pegue meu arco. O que está diante de nós deve ser um daqueles *Rakshasas* que comem os *Rishis*. Ele merece ser morto."
3. Assustado ao ouvir essas palavras de Rama, aquele rei das águias disse: "Não mereço ser morto por você, ó Rama! Sou um amigo próximo de seu pai.
4. -7. Sou a águia chamada Jatayu. Desejoso de servi-lo, ficarei no próprio *Panchavati*. Se você e Lakshmana forem para a floresta caçar, guardarei e protegerei Sita, a filha de Janaka." Ouvindo estas palavras da águia, Rama disse

com grande afeição: “Ó Rei das águias! Suas palavras são louváveis. Por favor, fique nesta mesma floresta não muito longe de minha residência e me ajude sempre que eu quiser.”

8. Endereçando essas palavras à águia e abraçando-a, o grande Senhor Rama, o deleite dos Raghus, seguiu adiante com Lakshmana e Sita.
9. Chegando à margem do rio *Gautami* (Godavari), lá na região chamada *Panchavati*, Lakshmana construiu uma cabana espaçosa para o grupo ficar.
10. -13. Aquele lugar estava situado na margem norte do Godavari, longe das multidões e cercado por um grupo denso de árvores frutíferas como *Kadamba*, *Panasa* e *Amra*. Deleitando a Sita, Rama ficou lá como imortais no céu junto com Lakshmana, de profundo entendimento. Lakshmana dedicou-se ao serviço de Rama em todos os sentidos. Todos os dias ele saía e coletava as raízes e frutas da floresta e alimentava Rama com elas. À noite, ele mantinha vigília com arco e flecha na mão, protegendo a residência de Rama.
14. Todos os três iam todos os dias para suas abluções no rio Godavari. Indo e voltando do banho, Rama e Lakshmana caminhavam na frente e atrás com Sita no meio.
15. Com grande alegria, Lakshmana trazia a água necessária para seu uso. Assim, os três viveram em grande felicidade.

Sermão de Rama a Lakshmana (16-55)

16. Durante um daqueles dias, enquanto Rama estava sentado em solitude, Lakshmana aproximou-se dele de forma devida e humilde e questionou-o.
17. Ele disse: “Ó aquele de olhos de lótus, onisciente e todo-poderoso! Desejo saber de Ti os meios seguros para a obtenção de *Moksha*. Digne-se a expô-los a mim brevemente.
18. Ó líder da linhagem de Raghu! Digne-se a transmitir-me *Jnāna* (conhecimento) junto com *Vijnāna* (realização da verdade espiritual) aumentada por devoção e renúncia aos valores mundanos. No mundo, não há outro além de Ti para expor este tema recôndito.”
19. Rama respondeu: “Ó querido irmão! Ouça. Falarei a você sobre a mais profunda de todas as doutrinas que liberta imediatamente das ilusões das ficções da imaginação.
20. -24. Primeiro exporei a você a natureza de *Mâyā*. Em seguida, descreverei os passos que levam ao conhecimento (*Jnāna*), e depois a *Vijnāna* ou conhecimento acompanhado de realização, e ao Ser Supremo (o *Paramātmān*). O *Paramātmān* é o objeto da busca do aspirante espiritual. Ao conhecê-lo, se é libertado de *Bhaya* — medo consistindo na experiência repetida de morte e nascimento em *Samsāra*. Aquilo pelo poder do qual alguém falsamente sente o senso de autoidentidade em relação ao corpo-mente, que na realidade não é o Ser de forma alguma — isso é *Mâyā*. Este *Samsāra*, baseado na falsa identificação, é inteiramente uma criação

de Māyā. Ó nobre! Māyā é tradicionalmente aceita como tendo dois aspectos — *Vikshepa* (projeção) e *Avarana* (encobrimento). Todo o universo objetivo em sua forma grosseira e sutil, abrangendo tudo desde *Mahattatva* (categoria abrangente) até o Ser Cósmico (*Brahmā*), é sobreposto pelo poder (*Śakti*) conhecido como *Vikshepa*. O outro aspecto de *Avidyā* conhecido como *Avarana* (poder de encobrimento) cobre completamente a natureza real da Consciência Pura e assim pavimenta o caminho para a sobreposição deste universo multifário na Consciência Pura por Māyā (ou o aspecto *Vikshepa* dela).

25. -26. Discriminando, o mundo da multiplicidade é descoberto apenas como um produto da ilusão e não realmente existente, assim como a corda experimentada como cobra. Tudo o que os homens constantemente ouvem, veem e lembram — é tudo irreal, como os conteúdos de um sonho ou imaginação. O corpo é a raiz firme da árvore de *Samsāra*.
27. “É por causa do corpo que a conexão com esposa, filhos e outros membros da família é estabelecida. Nenhuma outra forma de conexão com estes pode ser traçada entre eles e si mesmo. O *Ātman* não precisa deles de forma alguma.
28. -29. O corpo-mente é uma combinação de vários fatores. Os cinco elementos grosseiros, os cinco elementos sutis, o senso do ‘eu’ (*Ahamkāra*), intelecto (*Buddhi*), os dez sentidos, mente (*Manas*) que é um reflexo da Consciência Pura, Raiz-Natureza (*Mula-Prakriti*) — a combinação de todos estes é o que é chamado *Kshetra*, também conhecido como corpo.
30. O *Jiva* é distinto deste complexo descrito acima. Ele é o Espírito (*Paramātmān*), livre de felicidade e tristeza. Agora direi a você os meios pelos quais a verdade sobre o *Jiva* poderia ser verificada.
31. -37. “Os termos *Jiva* (espírito individual) e *Paramātmān* (Espírito Supremo) são sinônimos. Não há diferença entre estes. Portanto, não cultive identificação com o corpo como si mesmo. Evite fraude, opressão e infligir dor em outros seres. Suporte com fortaleza as críticas e perseguições dos outros. Seja sem astúcia. Seja devotado a um verdadeiro mestre e sirva-o com mente, fala e corpo. Observe pureza, mental e física. Seja firme na performance de atos virtuosos. Controle sua mente, fala e corpo. Não tenha anseio por objetos sensuais. Esteja livre do egotismo. Esteja sempre ciente dos males do nascimento, velhice, etc. Seja desapegado a filhos, esposa, etc.; evite nutrir por eles afeição composta de parcialidade. Seja equânime quando experiências desejáveis e indesejáveis vierem. Tenha devoção constante a Mim, Rama, que sou a alma de todos os seres. Não preocupe sua mente com assuntos que não são espirituais; recorra a lugares santos que estão livres de multidões de homens. Nunca sinta atração pela companhia de pessoas de mentalidade mundana. Que a busca pelo *Ātman* seja sua única busca. Sempre reflita em sua mente sobre a verdade dos ditados das escrituras. A prática dessas disciplinas levará a *Jñāna*, o conhecimento do Espírito. Na sua ausência, o resultado será o contrário.

38. “*Jñāna* (conhecimento do Espírito) é aquele conhecimento pelo qual se obtém certeza de que o verdadeiro ‘eu’ é distinto de *Buddhi*, *Prāna*, *Ahamkāra* (senso do eu), *Manas* (Mente) e corpo, mas é, por outro lado, um com a Consciência Pura, eterna, pura e desperto.
39. Quando esta convicção se torna uma realização constante ou realidade, isso é chamado *Vijnāna* (Iluminação).
40. O *Ātman* preenche tudo. Ele é da natureza da Consciência Pura e Bem-aventurança. Ele não tem destruição. Ele está livre de apego, aversão, etc., que são características de Seus adjuntos como *Buddhi*. Ele está livre de todas as transformações (que são características dos produtos de *Prakriti* e suas evoluções).
41. É Ele quem dota o corpo-mente com consciência e permanece autorrevelado. Ele é o Um sem um segundo, cuja existência nunca pode ser encoberta ou suplantada. Verdade, consciência, etc., são suas características.
42. -47. Esta Testemunha Eterna, não relacionada a qualquer coisa e autorreveladora, vem a ser compreendida através da realização. Quando, através da instrução das escrituras e do mestre, o entendimento da unidade do Ser individual com o Ser Supremo nasce na mente de um aspirante, então a ignorância-raiz (*Mula-avidyā*) junto com sua causa e seus efeitos dissolve-se no Ser Supremo. Esse estado é chamado de *Mukti* (Liberação). Ó descendente da linhagem de Raghu! Expus a você Minha verdadeira natureza junto com os ensinamentos sobre seu conhecimento e sua realização. Toda esta doutrina sobre cativeiro e liberação é secundária. (Eles não são reais; pois o *Ātman* é sempre livre.) Mas esta Verdade Suprema sobre o *Ātman* nunca nasce nas mentes das pessoas sem devoção a Mim. À noite, na escuridão, mesmo homens com olhos não podem ver suas pegadas. Quando são providos de luz, podem vê-las. Assim também, para aqueles que têm devoção a Mim, o *Ātman* brilha. Portanto, direi a você agora alguns daqueles fatores que geram devoção a Mim.
48. -50. “Associação com Meus devotos, serviço de adoração a Mim, serviço constante de Meus devotos, observância do voto de *Ekadasi* e similares, interesse agudo em ouvir, ler e expor relatos de Minhas excelências, adesão à Minha adoração cerimonial, repetição de Meu nome e cantar hinos sobre meus atributos — aqueles que são constantemente devotados a essas disciplinas ganham devoção inabalável a Mim. O que mais há para ganhar além disso?
51. Portanto, aquele que é dotado de devoção a Mim atinge conhecimento, desapego e iluminação rapidamente. Com isso, ele atinge *Mukti* (liberação).
52. De acordo com suas perguntas, expus a você todas estas Verdades. Aquele que lembra e segue estes ensinamentos torna-se apto a atingir *Mukti*.
53. Você nunca deve transmitir estes ensinamentos, mesmo sob compulsão, àqueles que não têm traço de devoção a Mim, mas você deve transmiti-los aos Meus devotos, até chamando-os para o seu lado.

54. Quem estuda isto diariamente com fé e devoção consegue quebrar a espessa escuridão da Ignorância e atingir a liberação.
55. Quem é devotado a Mim, pratica comunhão comigo, é puro de coração e calmo de mente, deleita-se no serviço a Mim, entende a natureza do Ser como a pureza, está desprovido de apegos e está sempre se esforçando no caminho espiritual – para tal pessoa cuja mente nunca vai para qualquer coisa além do serviço a homens santos e causas santas, *Moksha* é uma conquista já em suas mãos. Eles tornam-se aptos a ver Minha presença sempre e em todo lugar. Não há outro caminho para esta conquista.

Capítulo 5

A MUTILAÇÃO DE SURPANAKHA

Chegada de Surpanakha (1-17)

1. Naqueles dias, na densa floresta que cercava *Janasthana*, movia-se uma mulher *Rakshasa* de enorme força que tinha a capacidade de assumir qualquer forma que desejasse.
2. -3. Em um certo dia, esta mulher *Rakshasa* notou nas margens do Godavari as pegadas de Rama, o Senhor do universo, com marcas de Lótus, *Vajra* (arma de diamante) e *Ankusa* (gancho). Vendo a natureza extremamente bela dessas pegadas, ela foi atingida por um amor apaixonado por aquele a quem pertenciam. Então, seguindo a trilha dessas pegadas, ela chegou à morada de Rama.
4. -5. Vendo lá, na companhia de Sita, Rama semelhante ao Cupido, o consorte de Lakshmi, esta mulher *Rakshasa* com paixão intensificada por ele, perguntou-lhe: “De quem você é filho? Qual é o seu nome? Por que você fica no Ashrama vestindo roupas de casca de árvore e cabelos emaranhados? O que você vai alcançar ficando aqui?”
6. Sou uma mulher *Rakshasa* chamada Surpanakha, que pode assumir qualquer forma que eu goste. Sou irmã do grande Ravana, o senhor dos *Rakshasas*.
7. Estou nesta floresta junto com Khara, meu irmão. Nosso rei Ravana atribuiu toda esta floresta a mim. Fico aqui comendo todos os ascetas que encontro.
8. -10. Desejo conhecer você. Ó eloquente! Conte-me tudo sobre você.” A ela, Rama respondeu: “Sou conhecido como Rama, filho do Rei de *Ayodhya*. Esta mulher bela é minha esposa Sita, filha de Janaka. A outra pessoa comigo é meu belo irmão mais novo, Lakshmana. Agora, ó rainha da beleza de todo o universo! O que você quer de mim? Fale.” Ouvindo estas palavras de Rama, aquela mulher *Rakshasa* apaixonada disse em resposta:

11. “Ó Rama! Venha comigo. Teremos um tempo muito agradável, movendo-nos nesta floresta. Eu, que estou na garra da paixão, não posso permanecer separada de você, ó tu de olhos de lótus!”
12. -14. Lançando um olhar lateral significativo para Sita, Rama respondeu àquela mulher com um sorriso: “Aqui está esta mulher bela, minha esposa, que nunca permanece separada de mim. Então você terá que ser apenas uma co-esposa o que será intolerável para você. Lá fora está meu irmão Lakshmana, que é muito bonito na aparência. Ele será um marido adequado para você. Você aproveita a vida com ele movendo-se nesta floresta.” A estas palavras de Rama, Surpanakha voltou-se para Lakshmana e disse: “Ó belo! Digne-se a ser meu marido.”
15. De acordo com o comando de seu irmão, nos uniremos. Que não haja demora.” Movida por intensa paixão sexual, aquela feroz *Rakshasi* disse assim a Lakshmana.
16. -17. Lakshmana agora disse a ela: “Ó boa mulher! Sou apenas um servo daquela pessoa altamente inteligente, Rama. Você quer se tornar uma mulher serva? O que é mais lastimável que isso? Então, você vai a Rama novamente para seu próprio bem. Ele é o rei e o senhor de todos.” Ouvindo isto, aquela mulher de mente má aproximou-se de Rama novamente.

Mutilação de Surpanakha e destruição de Khara (18-37)

18. -22. Em grande raiva, ela disse: “Ó Rama, de mente volúvel como você é, por que está me provocando assim? Agora mesmo, em sua própria presença, devorarei esta Sita, que está na base de toda esta malandragem.” Com estas palavras, ela correu em direção a Sita, assumindo uma forma feroz. Imediatamente, por ordens de Rama, o poderoso Lakshmana cortou suas orelhas e nariz com uma espada. Enquanto o sangue fluía por todo seu corpo, aquela mulher *Rakshasa* soltou um uivo feroz. Gritando e proferindo palavras abusivas, ela foi e caiu diante do *Rakshasa* Khara de fala feroz. Ele então perguntou-lhe: “Como isso aconteceu? Esta atrocidade deve ter sido feita em você por alguém que está quase na boca da morte. Vou matá-lo, mesmo que ele seja tão poderoso quanto Kala.”
23. -25. Aquela *Rakshasi*, então, respondeu: “Rama, junto com Sita e Lakshmana, está nas margens do Godavari com a ideia de tornar esta floresta de *Dandaka* livre de medo para os homens. Seu irmão Lakshmana, dirigido por ele, fez isto comigo. Se você é um homem de uma grande família e um herói, vá e mate esses dois inimigos. Beberei seu sangue e você comerá os corpos daqueles homens audaciosos. Se você não fizer isso, abandonarei meu corpo e irei para a morada de Yama.”
26. -28. As palavras de Surpanakha levaram Khara a um acesso de raiva. Ele rapidamente iniciou uma expedição. Com um exército de *Rakshasas* ferozes e fortes catorze mil, ele partiu para a destruição de Rama, acompanhado pelos

líderes *Rakshasas* Trisiras e Dushana, todos segurando vários tipos de armas prontas para atacar. Ouvindo o tumultuoso alvoroço produzido por este exército, Rama disse a Lakshmana:

29. -31. “Um som terrível é audível. É certo que os *Rakshasas* estão em movimento. Haverá uma luta feroz entre eles e eu. Ó poderoso Lakshmana! Levando Sita, você vai para a caverna vizinha para abrigo. Você permanece lá e eu destruirei todos esses *Rakshasas* de formas inspiradoras de terror. Não diga nada contra esta diretiva minha. Você fez voto de obedecer minhas palavras.” Concordando com esta proposta, Lakshmana, levando Sita, foi para a caverna.
32. E o senhor Rama, amarrando sua roupa e cabelo, ficou lá pronto com seu terrível arco na mão e sua aljava inesgotável amarrada às costas.
33. Os *Rakshasas* chegaram rapidamente ao local e começaram a chover sobre Rama vários tipos de armas, rochas e árvores.
34. -35. Rama, em resposta, cortou todos esses mísseis em pedaços. Com mil flechas, ele matou todos aqueles *Rakshasas*, incluindo os três líderes, Khara, Trisiras e Dushana dentro de um curto período de meio *Yama*.
36. Lakshmana agora levou Sita de volta da caverna para a presença de Rama. Vendo o número de *Rakshasas* mortos, todos ficaram espantados.
37. Sita abraçou Rama, com um rosto brilhando como um lótus totalmente aberto. Ela esfregou e curou as feridas no corpo de Rama com suas mãos.

A Representação de Surpanakha a Ravana (38-61)

38. -42. Vendo todos aqueles principais *Rakshasas* mortos, Surpanakha, a irmã de Ravana, correu para Lanka. Chorando alto, ela entrou na assembleia real de Ravana e caiu de bruços no chão. Vendo sua irmã em tal condição assustada e angustiada, Ravana disse: “Querida irmã, levante-se, levante-se. Quem é que a mutilou desta maneira? Seja Indra, Yama, Varuna ou Kubera — diga-me seu nome, e dentro de um momento eu os reduzirei a cinzas.” A mulher *Rakshasa*, Surpanakha, agora respondeu-lhe: “Você é um tolo desatento dado à bebida e à companhia de mulheres. Você é tão bom quanto um eunuco. Isso é o que sua conduta revela. Como você pode se chamar de rei, quando não tem um sistema eficiente para coletar informações?”
43. -44. Khara, Dushana e Trisiras foram todos mortos em batalha e um exército de catorze mil *Rakshasas* foi destruído por Rama, o inimigo declarado dos *Rakshasas*. Todo o *Janasthana* agora foi feito uma morada segura para ascetas. Você não soube de nenhum desses eventos. É por isso que o estigmatizo como um tolo.” Ouvindo isso, Ravana perguntou:
45. “Quem é este Rama? Por que ele matou todos esses *Rakshasas*? Conte-me tudo sobre isso. Causarei a destruição total desses inimigos.” Surpanakha então disse:
46. -47. “Recentemente fui a *Janasthana* nas margens do Godavari. Naquela região está localizado *Panchavati*, um lugar anteriormente habitado por ascetas.

Naquele lugar, encontrei Rama, belo e de olhos de lótus, equipado com arco e flechas e vestindo roupas de casca de árvore e cabelos emaranhados.

48. -49. Equipado, assim como ele, havia ao seu lado seu irmão mais novo Lakshmana. Com Rama, estava também sua esposa, uma beleza incomparável, da qual você não encontrará semelhante entre os *Devas*, *Gandharvas* ou homens. Ó Rei! Ela parece verdadeiramente como outra *Sri* e sua presença ilumina a floresta.
50. -54. Ó sem pecado! Tentei trazer aquela mulher para cá para ser sua esposa, mas Lakshmana, por ordem de seu irmão, cortou meu nariz e orelhas. Chorando com grande dor e angústia, aproximei-me de Khara. Ele veio com seu exército de *Rakshasas* para punir Rama, mas todo aquele exército feroz e corajoso de *Rakshasas* foi destruído por aquele homem poderoso, Rama. Parece-me que, se ele decidir, Rama pode reduzir o mundo inteiro a cinzas em meio momento. Agora, se aquela mulher pudesse ser obtida como sua esposa, sua vida realmente se tornará frutífera.
55. -56. Ó grande Rei! Você tem que tomar medidas para, de alguma forma, conseguir a Sita de olhos de lótus, a mais notável entre as belezas do mundo, como sua esposa. Mas, ó meu Senhor e Rei! Você não será capaz de fazê-lo diretamente enfrentando Rama. Você terá que enganá-lo por alguma estratégia mágica e então abordá-la."
57. Ouvindo esta representação de sua irmã, Ravana consolou-a com boas palavras e presentes. Ele então foi para seus aposentos residenciais. Imerso em pensamentos, não conseguiu dormir naquela noite. Ele pensou:
58. "Como é que Khara, com seu exército, foi destruído por Rama, um mero homem? Orgulhoso de sua própria força e coragem como ele era, é espantoso para mim que meu irmão Khara pudesse assim ser destruído por Rama.
59. Com toda probabilidade, Rama pode não ser um mero homem. Ele pode ser aquele Ser Supremo, que agora assumiu uma forma humana na linhagem dos *Raghus*, e veio com suas forças para destruir a mim e meu exército, como implorado por *Brahmā* nos dias antigos.
60. Se eu for morto pelo Ser Supremo, reinarei no Reino Supremo de *Vaikuntha*. Se não for morto, desfrutarei deste reino dos *Rakshasas* por muito tempo. Então, vou me opor a Rama."
61. Refletindo desta forma, aquele senhor dos *Rakshasas* concluiu que Rama deve ser Hari, o Senhor Supremo, e resolveu dentro de si: "Eu o atingirei através da atitude de confronto; pois, o Senhor não se revela rapidamente por formas comuns de *Bhakti* (devoção)."

Capítulo 6

O PEDIDO A MAREECHA

Ravana na Morada de Mareecha (1-14)

1. -3. Refletindo assim durante a noite, o inteligente Ravana tomou algumas resoluções em sua mente. Subindo em sua carruagem (o veículo aéreo *Pushpaka*), ele foi para o outro lado do oceano, onde o *Rakshasa* Mareecha estava. Lá, Mareecha, vestindo roupas de casca de árvore e cabelos emaranhados como um asceta, contemplava em seu coração aquele Ser Supremo que, embora transcenda as *Gunas* de *Prakriti*, ainda assim reflete-se nelas. Após obter consciência externa das profundezas do *Samādhi*, ele viu Ravana que havia chegado à sua morada.
4. Ele levantou-se de seu assento imediatamente, abraçou Ravana, recebeu-o da forma devida e foi hospitaleiro. Depois de dar-lhe um assento confortável, Mareecha disse a Ravana:
5. -6. “Ó Ravana! Como é que você veio sozinho numa carruagem? Seu rosto reflete que está preso em alguma linha de pensamento preocupante. Se não for um segredo, revele-me o que é. Ó grande Rei! Se for algo justo e não acompanhado por consequências pecaminosas, realizarei o que é querido por você.” Agora Ravana disse:
7. “Você deve conhecer um famoso Rei de *Ayodhya* chamado Dasaratha. Seu filho mais velho, Rama, é notado por sua veracidade e heroísmo.
8. O Rei Dasaratha enviou este filho seu, junto com sua esposa e seu irmão Lakshmana, para a floresta, que é a morada de ascetas e habitantes da floresta.
9. Ele agora está num Ashrama em *Panchavati*, no meio de uma densa floresta inspiradora de medo. Ele tem uma esposa bonita, Sita, que pode ser a rainha da beleza do mundo.
10. Ele agora está vivendo na floresta sem medo, após matar meu exército corajoso de *Rakshasas*, incluindo Khara, que eram absolutamente inocentes neste assunto.
11. Esse sujeito mau, Rama, também cortou o nariz e as orelhas de minha irmã inocente Surpanakha, e ainda assim permanece sem medo nesta floresta.
12. Com sua ajuda, conseguirei remover Rama daquela região da floresta e, então, enquanto ele estiver ausente, raptarei sua esposa.
13. Assumindo a forma de um cervo ilusório, você deve atrair Rama e Lakshmana para longe de seu Ashrama. Aproveitando essa oportunidade, levarei Sita.
14. E depois que você tiver feito esse serviço para mim, poderá voltar e viver como está agora.” Mareecha ficou pasmo ao ouvir essas palavras de Ravana e olhou para ele com espanto.

Conversa entre Ravana e Mareecha (15-29)

Mareecha respondeu:

15. “Quem foi que lhe deu este conselho que, se realizado, trará nossa total destruição? Ele certamente deve ser um inimigo nosso, merecendo ser morto. Ele deve estar arquitetando um modo para sua destruição.
16. -18. Mesmo quando menino, quando veio para dar proteção aos ritos sacrificiais de Viswamitra, Rama, com uma única flecha, arremessou-me no oceano a uma distância de cem *Yojanas*. Ó Ravana! Pensando na proeza de Rama, minha mente ainda é dominada pelo medo. Lembrando desses incidentes, estou vendo a presença de Rama em todos os lugares devido ao medo.
19. Mesmo depois, mantendo em mente minha antiga inimizade com ele, fui um dia para a floresta de *Dandaka* na forma de um cervo com chifres afiados, cercado por muitos outros cervos como eu.
20. Com o objetivo de matá-lo, corri em direção a Rama, que estava na companhia de Sita e Lakshmana. Vendo-me se aproximando, ele enviou uma flecha em minha direção.
21. Atingido por aquela flecha, ó rei dos *Rakshasas*, fui arremessado no oceano girando. Depois disso, com grande medo, busquei abrigo neste lugar isolado.
22. Retirando-me de todos os objetos de gozo, estou aqui, constantemente pensando em Rama por medo. Não apenas isso, eu tremo de medo mesmo ao ouvir palavras indicando objetos de gozo começando com ‘R’ — palavras como *Raja*, *Ratna*, *Ramani*, *Ratha*, etc.; pois o próprio som ‘R’, com o qual o nome de Rama começa, me enche de pavor.
23. -24. Abandonei todas os trabalhos externos, temendo que Rama possa me atacar em qualquer lugar, a qualquer momento. Pensando constantemente em Rama, quando o sono me vence, vejo Rama em sonhos e, ao despertar, passo noites sem dormir sentado. Portanto, ó grande! Abandone seus planos contra Rama e volte para casa.
25. Não seja a causa da destruição da tribo dos *Rakshasas*, que você elevou a um estado de grande prosperidade por um período muito longo. Aceite meu conselho, dado de boa-fé para seu próprio bem-estar. Desista de sua inimizade com Rama, que é o próprio *Paramātmā*. Busque-o com verdadeira devoção. Ele é supremamente misericordioso.
26. Eu soube tudo sobre certas questões secretas pelas palavras do sábio Nārada. No *Satya Yuga*, o Ser Supremo Hari havia dado sua palavra a Brahmā de que concederia suas orações.
27. Brahmā havia dito a Hari: ‘Ó aquele de olhos de lótus! Nascido no mundo dos homens como filho de Dasaratha, digne-se destruir a Ravana de dez cabeças, nosso inimigo.’
28. Portanto, saiba que Rama não é um mero homem. Ele é o Ser Eterno Nārāyana que, por Seu poder misterioso Māyā, assumiu a forma de um homem e veio para a floresta. Ele não tem medo de ninguém.

29. Ele encarnou para aliviar a terra de seu fardo. Então, ó querido, volte para casa, desistindo de seu empreendimento atual”. Ouvindo estas palavras de Mareecha, Ravana respondeu:

Mareecha assume a forma de um cervo dourado (30-41)

30. -31. “Se Rama é realmente o Ser Supremo vindo à terra como homem a pedido de Brahmā para me matar, ele o realizará facilmente, não importa o que você faça. Pois o que Deus quer, acontece. Portanto, por um meio ou outro, tomarei Sita de Rama.
32. Ó corajoso! Você sabe que se eu morrer em batalha, atingirei o céu mais elevado. Se eu conseguir matar Rama em batalha, posso desfrutar de Sita sem medo de um rival.
33. -35. Portanto, ó respeitado, prepare-se. Você deve atrair Rama e Lakshmana para uma distância muito longe de seu Ashrama assumindo a forma de um cervo mágico atraente. Depois disso, você pode retornar e ficar feliz em retiro como agora. Se você falar uma única palavra de intimidação para mim, cortarei sua cabeça agora mesmo com minha espada.” Ouvindo estas palavras de Ravana, Mareecha pensou consigo mesmo:
36. -37. “Se Rama me matar, obterei liberdade deste ciclo transmigratório. Mas se eu encontrar a morte nas mãos desse sujeito mau, certamente serei enviado ao inferno.” Preferindo assim a morte pelas mãos de Rama, Mareecha levantou-se imediatamente e disse a Ravana: “Ó grande Rei! Farei como você ordena.”
38. -40. Com estas palavras, ele subiu a uma carruagem e logo foi ao lugar onde o Ashrama de Rama estava situado. Então, na floresta vizinha, moveu-se como um cervo de cor dourada com manchas prateadas, tendo chifres de gemas, olhos de safira, cascos de pérolas, o brilho de um relâmpago e um rosto de grande atratividade. Movendo-se dessa forma, chegou aos arredores do Ashrama de Rama e atraiu a atenção de Sita.
41. Enquanto se movia, ele agora corria um pouco e depois parava por um tempo; aproximando-se, fugia um pouco mais de distância, como se por medo. Assim cativando a mente de Sita, aquele sujeito mau, o *Rakshasa* moveu-se sob o disfarce de um cervo mágico.

Capítulo 7

O RAPTO DE SITA

A Destruição de Mareecha (1-25)

1. -3. Rama, prevendo de antemão os planos de Ravana, havia chamado Sita a sós um dia e dito a ela: “Ó filha de Janaka! Ouça minhas palavras. Ravana se

aproximará de você na forma de um asceta para esmolas sagradas. Portanto, substitua no Ashrama um duplo [outra Sita] seu criado magicamente e, posicionando-a fora do Ashrama, entre e esconda-se no fogo de forma invisível. Como desejado por mim, você deve permanecer assim escondida por um ano. Quando Ravana tiver sido morto, você se juntará a mim novamente.”

4. Seguindo esta instrução de Rama, Sita projetou fora um duplo mágico dela e escondeu-se no fogo.
5. Agora a Sita mágica viu o cervo mágico e, rindo com espanto à sua visão, aproximou-se de Rama e disse-lhe em tom humilde:
6. “Veja, veja! Aqui está um cervo selvagem maravilhoso, malhado, multicolorido e enfeitado com joias. Está se movendo por todos os lugares sem medo. Digne-se capturá-lo e dá-lo a mim para ser cuidado como um atraente animal de estimação por mim.”
7. Rama concordou em fazê-lo e, preparando-se para partir, pegou seu arco na mão e disse a Lakshmana: “Mantenha uma guarda cuidadosa sobre minha querida esposa, Sita.
8. Na floresta há muitos *Rakshasas* terríveis que são adeptos do engano por magia. Você tem, portanto, que ser muito vigilante neste assunto. De todas as formas, proteja a virtuosa e devota Sita.”
9. Mas Lakshmana então disse a Rama: “Ó nobre, este é apenas Mareecha disfarçado de cervo. Não há dúvida sobre isso. Pois um cervo desse tipo não pode existir em lugar algum.” A isso, Rama respondeu:
10. “Se for Mareecha, certamente o matarei. Se for realmente um cervo, capturarei para o entretenimento de Sita.
11. De qualquer forma, parto agora, mas voltarei logo com o animal capturado. Você, por favor, vigie Sita com atenção.”
12. -15. Após instruir dessa forma, Rama seguiu o cervo mágico (*Maya-mriga*) – Rama, que é o suporte da magia cósmica chamada *Māyā*, que ilude o mundo e se manifesta como o universo. Apesar de ser o Espírito Puro, autorrealizado e imutável, ele seguiu o cervo para agradar a Sita, embora soubesse que o cervo era realmente Mareecha. Ele fez tudo isso apenas para cumprir o dito de que o Senhor Supremo é sempre gracioso com Seus devotos. (Pois Mareecha era um devoto que queria a morte em suas mãos como meio de salvação, e Ravana também era um daqueles dois devotos, Jaya e Vijaya, que estavam sob uma maldição e aguardavam a morte pelas mãos de Rama.) Caso contrário, que significado tem um cervo ou uma mulher para aquele Ser conhecido como autoconsciente e iluminado ser?
16. -17. Agora aparecendo perto, depois correndo e desaparecendo, agora emergindo novamente à distância e depois desaparecendo, o cervo conseguiu levar Rama a uma distância considerável. Rama agora ficou convencido de que aquele cervo deveria realmente ser um *Asura* e atingiu-o com uma flecha. Então, o verdadeiro Mareecha caiu em sua forma natural em uma poça de sangue.

18. Ao cair, ele gritou em uma voz semelhante à de Rama: “Ai! Ai! Ó poderoso Lakshmana! Estou morrendo. Venha rapidamente e me salve.”
19. -20. Apenas pronunciando o nome de Rama na hora da morte, os *Jivas* alcançam a Ele, Sri Hari. Então, que estado glorioso deve ter sido alcançado por aquele *Asura* que encontrou a morte em Suas mãos e com Sua presença física à sua vista? Para seu total espanto, os Devas e todos os outros que testemunharam a cena viram um brilho emergindo do corpo do *Rakshasa* morto e entrando em Rama.
21. -25. Os Devas começaram a falar entre si: “Por qual ação meritória este *Rakshasa* pecador, um assassino de ascetas, alcançou este estado espiritual mais elevado? Nada além da grandeza de Rama pode explicar isso. Ele agora foi morto pelas flechas de Rama. Antes disso, ele esteve constantemente pensando em Rama. Por medo dele, ele havia abandonado lar, riqueza, etc., e estava constantemente engajado no pensamento de Rama. Tendo assim queimado todos os seus pecados, ele teve a sorte de encontrar a morte nas mãos de Rama enquanto O via diante de si, com seus próprios olhos.
- “Seja alguém um Brâmane ou um *Rakshasa*, seja alguém um pecador ou um justo, - se morrer lembrando-se de Rama alcança o Status Supremo.” Falando uns com os outros assim, os Devas foram para sua morada.

Palavras ríspidas de Sita a Lakshmana (26-37)

26. -27. Rama agora começou a pensar: “O *Asura* moribundo gritou: ‘Ah! Lakshmana!’ imitando minha voz. Por que ele fez isso? O que Sita pensará ao ouvir aquela voz semelhante à minha?” Com tais pensamentos preocupantes, Rama apressou-se para cobrir a distância e voltar ao seu Ashrama.
28. -31. Nesse meio tempo, em seu Ashrama, o grito moribundo de Mareecha provocou grande medo e tristeza na mente de Sita. Ela disse a Lakshmana: “Ó Lakshmana! vá rapidamente. Seu irmão parece estar em perigo por causa do *Asura*. Você não ouviu seu grito angustiado, ‘Ah Lakshmana!’?” Lakshmana tentou consolá-la: “Ó nobre senhora! Aquele grito de angústia não pode ser de Rama. Deve ser de algum *Rakshasa* moribundo. Pois, se Rama estiver com raiva, ele é capaz de destruir os três mundos em um momento. Como pode Aquele que recebe a adoração até mesmo dos seres celestiais proferir um grito de angústia?”
32. -34. A essas palavras de Lakshmana, Sita, zangada e chorando, olhou para ele e disse: “Ó perverso! Vejo que você quer ver Rama morto. Você foi induzido a vir conosco por aquele Bhārata que quer ver Rama destruído. Você veio planejando possuir-me com a morte de Rama. Mas saiba com certeza que você nunca me terá. Olhe, vou acabar com minha vida imediatamente. Rama não sabe que sua intenção é impura. Não tocarei em nenhum homem além de Rama, seja você ou Bhārata.”
35. -37. Falando dessa forma, ela bateu no próprio corpo com as mãos e chorou. Estas palavras ríspidas cortaram Lakshmana profundamente, e fechando seus

ouvidos com as mãos, ele disse com o coração cheio de tristeza: “Não fale assim, ó zangada! Sua fala vulgar recairá sobre você mesma. Sua ruína está próxima.” Com estas palavras, confiando Sita à proteção das divindades da floresta, Lakshmana foi relutantemente em busca de Rama num estado de ânimo extremamente aflito.

Ravana raptando Sita (38-66)

38. -40. Agora, aproveitando este momento oportuno, Ravana apareceu diante de Sita, disfarçado de mendicante com um cajado de *Yogi* e um recipiente de água na mão. Vendo-o, Sita rapidamente fez uma prostração diante dele. Ela o adorou respeitosamente e ofereceu-lhe frutas e raízes. Dando-lhe boas-vindas, ela disse: “Ó santo! Por favor, aceite estas frutas e raízes e descanse aqui por um tempo. Em pouco tempo, meu marido estará retornando, e ele lhe será hospitaleiro. Então, se você tiver tempo, por favor, espere aqui por um pouco tempo.
41. A isto, o mendicante disse: “Ó de olhos de lótus! Quem é você? Quem é seu marido? Por que você está na floresta, frequentada por *Rakshasas*? Ó boa senhora! Por favor, esclareça-me sobre estas questões, e então contarei tudo sobre mim.”
- Sita respondeu:*
42. -44. “Havia um grande e famoso rei chamado Dasaratha governando *Ayodhya*. Seu filho mais velho, possuidor de todas as excelências, é Rama. Eu, a filha de Janaka, sou sua esposa. Lakshmana é seu irmão querido. Por ordem de seu pai, Rama veio para a floresta para ficar aqui por catorze anos. Agora gostaria de saber algo sobre você.” O mendicante então disse:
45. -46. “Eu sou Ravana, um descendente da linhagem de Pulasthya e o rei de todos os *Rakshasas*. Estou apaixonadamente enfeitiçado por você e vim para levá-la ao meu palácio. De que serve a você Rama, que adotou um modo de vida ascético? Venha comigo e desfrute a vida comigo. Não permaneça mais no meio desta dura vida na floresta.”
47. -49. Assustada por estas palavras de Ravana, Sita falou algumas palavras em resposta. Ela disse: “Palavras do tipo que você falou para mim agora atrairão a pena de morte pelas mãos de Rama. Ele logo chegará com seu irmão. Espere um pouco. Sua ameaça de me levar — eu que sou a consorte do próprio Hari — é tão ridícula quanto uma lebre tentando levar a esposa de um Hari (leão). Logo você cairá na terra, perfurado pelas flechas de Rama.”
50. A estas palavras de Sita, Ravana, despertado para um acesso de ira violenta, revelou agora sua verdadeira forma, semelhante a uma montanha em estatura, com dez cabeças e vinte braços e sombrio como a nuvem escura da estação chuvosa.
51. -56. As divindades da floresta e outros seres a quem Lakshmana havia confiado Sita fugiram à simples vista daquela forma. Ravana agora escavou o chão onde Sita estava em pé e, colocando aquele bloco de terra junto com Sita em seu carro

aéreo, apressou-se pelo céu. Sita, tremendo de terror e olhando para baixo em direção à terra, continuou chorando alto: “Ai Rama! Ai Lakshmana!” Ouvindo os choros lamentosos de Sita, a águia Jatayu, um líder da tribo das aves, levantou-se de sua morada arbórea e desafiou Ravana com as palavras: “Pare, pare, você está roubando a esposa do Senhor dos mundos de seu Ashrama vazio, como um cão leva as oferendas preparadas para um sacrifício. Você não pode passar por mim sem ser desafiado.” Com estas palavras, Jatayu com seu bico e garras afiados atacou Ravana, matando os cavalos da carruagem e destruindo seu arco e veículo.

57. Então Ravana soltou Sita e, pegando uma espada com grande raiva, cortou as asas da águia com ela.
58. -62. O rei das aves caiu na terra, com um pouco de consciência ainda nele. Enquanto isso, Sita continuou chorando alto, dizendo: “Ó Rama, senhor da terra! Você não me vê totalmente tomada pela tristeza? Salve sua esposa, ó descendente da linhagem de *Raghu*, de ser raptada por este *Rakshasa*. Ó adorável Lakshmana! Perdoe-me, esquecendo minha transgressão. Eu repreendi você com uma série de palavras más. Perdoe-me por isso.” Temendo a chegada de Rama, Ravana colocou Sita chorando em outro veículo e seguiu com a velocidade do vento.
63. -64. Enquanto ia pelo céu, Sita de rosto de lótus continuou olhando para baixo, em direção à terra, e viu no topo de uma montanha cinco macacos reunidos. Ela amarrou suas joias em uma metade de seu manto superior e jogou este pacote para baixo para alcançar os macacos, para que eles pudessem contar a Rama sobre ela, se por acaso o encontrassem.
65. E quanto a Ravana, ele cruzou o mar e chegou a Lanka com Sita. Ele a levou ao seu palácio residencial e a alojou em meio de uma guarda de mulheres *Rakshasa* em um bosque de *Ashoka*, situado em uma região muito isolada. Ele a protegeu, como se ela fosse sua mãe (*mātrbudhyā*). (Observa-se que Ravana era, no fundo, um devoto, e que a atitude de raptor enfeitado pela luxúria adotada por ele era apenas um disfarce que ele vestiu para apressar sua morte nas mãos de Rama. É paralelo a Rama assumir o papel de um homem e passar por todas as provações enquanto, na realidade, ele sempre foi o próprio Ser Supremo).
66. Magra, sofrida, desganhada e assustada até o âmagô, Sita ficou entre aquelas mulheres *Rakshasa*, com sinais de completa desolação em seu rosto e proferindo choros lastimáveis de “Ó Rama! Ó Rama!” frequentemente.

Capítulo 8

A SALVAÇÃO DE JATAYU

Rama em Busca de Sita (1-2)

1. -2. Depois de destruir Mareecha, capaz de assumir qualquer forma por seu domínio da magia ilusória, Rama estava voltando para o Ashrama quando viu à distância Lakshmana vindo em sua direção, com um rosto pálido e de aparência miserável. Ao vê-lo, Rama, o grande, pensou o seguinte:
3. “Lakshmana não sabe que eu criei uma Sita mágica e substituí a real por ela. Eu sei a verdade, mas ainda assim, praticarei uma ilusão nele imitando a pose aflita de um homem mundano ignorante.
4. Se eu permanecesse quieto no Ashrama, não haveria ocasião para a destruição de inúmeros *Rakshasas*.
5. Portanto, me comportarei como um amante aflito nesta ocasião. Isso nos levará a iniciar uma busca por Sita e, no final, nos levará ao habitat dos *Rakshasas*.
6. -8. Depois de destruir Ravana com toda a sua tribo, trarei a verdadeira Sita do fogo em que a escondi e retornarei a *Ayodhya* com grande alegria. A pedido de Brahmā, assumi a forma e os modos de um homem e continuarei assim por mais algum tempo. Estas minhas atividades disfarçadas de homem se tornarão no futuro um assunto de estudo para os seguidores do caminho da devoção e fornecerão um meio fácil para a obtenção de *Mukti*.” Resolvendo assim, Rama, ao encontrar Lakshmana, disse-lhe:
9. “Por que você foi embora, deixando minha querida esposa Sita sozinha? Os *Rakshasas* podem tê-la levado ou comido.”
10. -13. Lakshmana, com lágrimas nos olhos e as mãos unidas em humilde saudação, relatou-lhe sobre as palavras muito impróprias faladas por Sita. Ele disse: “Quando Sita ouviu o grito do *Rakshasa* ‘Ai Lakshmana!’ em uma voz semelhante à sua, ela me pediu para vir em sua ajuda sem demora. A ela, que chorava, eu disse, consolando-a: ‘Boa senhora! Estas não são as palavras de Rama, mas de um *Rakshasa*. Por favor, fique em paz.’ Mas a estas minhas palavras, aquela mulher casta me repreendeu com palavras abusivas indizíveis. Não é apropriado para mim proferir essas palavras diante de você. Tapando meus ouvidos, apressei-me em encontrá-lo.”
14. -15. Então, Rama disse a Lakshmana: “Mesmo que seja assim, não foi certo você ter levado tão a sério a palavra de uma mulher e deixado minha bela esposa sozinha. Em nossa ausência, ela certamente deve ter sido raptada ou morta pelos *Rakshasas*.’ Com grande ansiedade, Rama falou essas palavras e apressou-se em direção ao seu Ashrama. Não encontrando Sita lá, ficou completamente perturbado pela tristeza e irrompeu nas seguintes palavras lamentosas:
16. -20. “Ó querida! Para onde você foi? Você não é mais vista no Ashrama como antes. Ou está se escondendo em algum lugar para me provocar com um falso alarme?” Lamentando-se dessa maneira, ele procurou aqui e ali por toda aquela floresta e perguntou às divindades da floresta e aos pássaros e animais: “Vocês poderiam dizer onde está minha Sita? Que os pássaros, animais e as árvores da floresta me guiem até minha esposa.” Mas Sita não estava em lugar algum, por

mais que ele gemesse por ela. Embora Rama fosse onisciente, não conseguiu encontrá-la em lugar algum. Embora fosse bem-aventurado por natureza, estava sujeito à tristeza por causa dela. Embora fosse onipresente e inalterável, correu por todos os lugares em sua busca. Embora fosse sem ego, desprovido do senso de 'eu', e fosse da natureza da Bem-aventurança ininterrupta, mesmo assim experimentou amarga tristeza e chorou por Sita considerando-a como esposa.

21. Embora desprovido de todos os apegos, aquele grande príncipe da linhagem de Raghu parecia apegado e vítima dos modos de *Māyā*. Mas os conhecedores da verdade sabem que os fatos são diferentes.

Encontrando Jatayu (22-43)

22. -23. Procurando dessa forma por toda a floresta, Rama e Lakshmana encontraram uma carruagem destruída e um arco quebrado. Vendo isso, Rama disse a Lakshmana: "Olhe, olhe Lakshmana! Aqui o raptor de Sita deve ter sido confrontado por um rival que deve tê-la levado dele."
24. Um pouco mais adiante dali, vendo um corpo enorme manchado de sangue do tamanho de uma colina, Rama disse a Lakshmana:
25. "Veja aqui está aquele sujeito que, depois de obter ampla satisfação ao devorar Sita, está descansando em um lugar solitário.
26. Dê-me meu arco e flechas rapidamente." Ouvindo estas palavras de Rama, Jatayu falou como alguém assustado.
27. -30. "Estou no final do meu Karma e estou prestes a morrer. Não há necessidade de você me matar. Bons votos para você! Eu sou Jatayu. Persegui Ravana, que estava levando sua esposa. Lutei com ele e destruí seu veículo e arco. Então ele cortou minhas asas e me jogou no chão. Vendo você diante de mim, terminarei minha vida." À vista dele com a vida se esvaindo, Rama, aflito e derramando lágrimas, passou as mãos sobre seu corpo e disse:
31. "Diga-me, ó Jatayu, quem levou minha bela esposa. Você optou pela morte por minha causa. Você é, portanto, meu amigo muito querido."
32. -35. Em resposta, Jatayu, que vomitava sangue, disse o seguinte em um tom muito baixo: "Ó Rama, Ravana, um *Rakshasa* muito poderoso, levou Sita na direção sul. Não sou capaz de falar mais. Estou morrendo em Tua presença. Ó santo! É minha boa sorte que eu possa morrer vendo a Ti. Tu és Mahavishnu, o Ser Supremo, que assumiu uma forma humana por *Māyā*, Teu poder misterioso. Ao ver a Ti mesmo no fim da minha vida, tornei-me liberado. Digna-Te a tocar-me novamente com Tuas mãos, para que eu possa atingir Teu Status."
36. Dizendo "Que assim seja", Rama acariciou seu corpo com as mãos, e Jatayu deu seu último suspiro e caiu.
37. Rama derramou lágrimas por sua morte como de um parente próximo e lamentou sua perda de muitas maneiras. Eles pegaram e cremaram o corpo de Jatayu em uma pira feita por Lakshmana com lenha.

38. -40. Em profunda tristeza, Rama junto com Lakshmana tomou banho para realizar os ritos fúnebres. Rama espalhou pelo chão gramado ao redor pedaços de carne de um animal selvagem abatido com as palavras: “Que todos os pássaros da floresta comam esta carne! Que isso traga para o rei dos pássaros muita satisfação!” Em seguida, na presença de todos os espectadores, ele se dirigiu a Jatayu, dizendo: “Ó Jatayu! Você atingirá Meu Status possuidor de uma forma semelhante à Minha.”
41. -43. Imediatamente, o espírito de Jatayu, incorporado com uma forma divina luminosa, ascendeu a um veículo celestial resplandecente como o sol. Ele obteve uma forma com quatro mãos brincando com a concha, o disco, a maçã e o lótus, e decorada com um diadema, ornamentos atraentes e vestes de pano amarelo brilhante. Recebido amorosamente pelos emissários de Vishnu com formas semelhantes, e elogiado por grupos de *Yogis*, o transfigurado Jatayu dirigiu-se a Sri Rama da seguinte forma:

O Hino de Jatayu (44-56)

Jatayu disse:

44. “Possuidor de inúmeras excelências; ilimitado pelo tempo e espaço; o mais antigo; a causa dos mundos, sua sustentação e dissolução; dotado com o esplendor da paz; a alma de todas as almas — tal é Ramachandra a quem eu saúdo.
45. -46. O assento de toda bem-aventurança; o objeto do olhar constante da Deusa Lakshmi; o reparador das aflições de todos os Devas, incluindo Brahmā; o mais nobre entre os homens; o que concede todas as bênçãos; brincando nas mãos um arco excelente e flechas; o auge da beleza da forma em todo o universo; o objeto mais adequado para ser orado e cantado; possuindo o brilho de cem sóis; o que concede todos os objetos desejados; aquele que concede refúgio; o residente ao pé da árvore de *Bhakti*; que traz alegria para todos os membros da linhagem de Raghu — tal é Rama, em quem busco refúgio.
47. Celebrado como o fogo que destrói a floresta de *Samsāra*; o Ser Supremo que é o Mestre de Shiva e todas as divindades; a encarnação da graça; o destruidor de inúmeros líderes *Rakshasas*; de compleição azul como as águas do *Yamuna* — tal é Rama, verdadeiramente o próprio Hari, em quem busco refúgio.
48. Longe daqueles cujas mentes estão sempre absortas em pensamentos mundanos, mas sempre visível aos sábios que evitam tais pensamentos; um verdadeiro barco para cruzar as águas de *Samsāra* — tal é Rama da linhagem de Raghu, em quem busco refúgio.
49. O Residente dos corações do ‘Senhor das Montanhas’ (Shiva) e sua consorte; o que ergue a montanha; o objeto de adoração dos líderes dos *Devas* e *Asuras*; o cumpridor das orações dos Devas — tal é Rama, o líder da linhagem de Raghu, em quem busco refúgio.

50. Aquele que é adequado para ser adorado por aqueles que evitam as posses e mulheres dos outros; que são sempre particulares sobre o bem-estar dos outros, se deleitam nas excelências e prosperidade dos outros — tal é Rama de olhos de lótus da linhagem de Raghu, em quem busco refúgio.
51. Possuidor de um rosto como um lótus totalmente desabrochado, e encantador com um sorriso; graciosamente revelando Sua presença na consciência daqueles que constantemente mantêm Sua lembrança; possuidor de uma compleição azul como a cor da gema *Indraneela*; dotado de olhos que são atraentes como as pétalas de um lótus branco; o preceptor até mesmo de Shiva e Brahmā — tal é o senhor dos Raghus em quem busco abrigo.
52. Assim como o único sol brilha diferentemente em diferentes vasos cheios de água, Tu apareces em diferentes aspectos como Hari, Brahmā e Sambhu de acordo com os três *Gunas* de *Prakriti*, que Tu assumes para propósitos cósmicos. Eu canto este hino em louvor daquele Ser que é o objeto de adoração até mesmo de Indra, o senhor dos seres celestiais.
53. Eu busco refúgio n'Ele, Rama encarnado na linhagem de Raghu, que é mais belo que cem Cupidos, que não está distante para aqueles que meditam n'Ele seguindo as diretrizes estabelecidas no *Satapatha Brahmana*, que brilha eternamente no coração dos ascetas renunciados; e que é o removedor das misérias de todos."
54. Imensamente satisfeito com Jatayu, que recitava este hino de louvor, Rama abençoou-o, dizendo: "Eu, Mahavishnu, estou concedendo-te Minha Condição Suprema.
55. Além disso, quem estudar este hino diariamente ou ouvi-lo ou escrevê-lo, ele se lembrará de Mim na hora de sua morte e atingirá Minha forma."
56. Jatayu foi preenchido com uma alegria indizível ao ouvir as bênçãos de Rama. Ele se transformou na forma de Vishnu e alcançou aquela Condição que é a aspiração até mesmo de Brahmā.

Capítulo 9

SALVAÇÃO DE KABANDHA

O confronto de Rama com Kabandha (1-14)

1. Após esses incidentes, Rama, movido por intensa tristeza, partiu novamente com Lakshmana em busca de Sita em outra floresta.
2. Enquanto prosseguiram, encontraram um *Rakshasa* de forma espantosa. Ele era um monstro, cujo rosto enorme estava em seu peito e que era desprovido de membros órgãos como olhos.

3. Seus dois braços se estendiam até um *Yojana*. O destruidor de todo tipo de seres, ele era conhecido pelo nome Kabandha.
4. Quando Rama e Lakshmana viram esta criatura de tamanho enorme, eles já estavam entre seus enormes braços, que os cercavam por todos os lados.
5. Rindo ao avistá-lo, Rama disse a Lakshmana: “Olhe para este *Rakshasa*. Ele está sem cabeça ou pernas. Seu rosto está situado em seu peito.
6. É certo que ele subsiste do que quer que caia entre as garras de seus enormes braços. Nós já estamos entre eles. 7.
7. Ó Lakshmana! Não há como sair por outro lugar. O que faremos agora? Ele nos devorará muito em breve.”
8. Lakshmana respondeu: “Por que, ó Senhor, está agitado com isso? Com uma mente impassível, cortaremos seus dois braços, cada um cortando um braço.”
9. Concordando com esta proposta, Rama cortou o braço esquerdo do monstro com uma espada e Lakshmana fez o mesmo com o direito.
10. O *Rakshasa*, que ficou estupefato com isso, perguntou: “Sois dois seres celestiais? Dizei-me quem sois. Pois, nem no mundo dos homens nem no dos seres celestiais há alguém competente para cortar meus braços.”
11. -12. Rama respondeu rindo: “Havia um grande rei em *Ayodhya* chamado Dasaratha. Eu sou seu filho Rama. Este homem inteligente que me acompanha é meu irmão Lakshmana. Minha esposa Sita é de uma beleza mundialmente renomada.
13. Quando nós dois saímos de nossa residência para caçar, algum *Rakshasa* raptou Sita. Nós viemos para esta floresta imponente em busca dela.
14. Encontramo-nos dentro das garras de seus enormes braços. Para nos salvarmos, cortamos esses braços seus. Agora conte-nos quem você é com esta forma monstruosa.”

Os Antecedentes de Kabandha (15-28)

15. -16. Kabandha respondeu: “Sou de fato afortunado se aquele que se aproximou de mim é realmente Rama. Em minha encarnação anterior, eu era um líder dos *Gandharvas*. Ilusionado com o orgulho da juventude e minha forma bela, percorri o mundo na companhia das mulheres queridas para mim, deleitando-as de todas as maneiras. Por austeridades, ó Rama, eu havia obtido a bênção da indestrutibilidade de Brahmã.
17. Uma vez, encontrando-me com Ashtavakra, o sábio com oito dobras em seu corpo, eu ri dele com zombaria. O sábio, excitado de raiva, amaldiçoou-me, dizendo: ‘Ó malvado! Você se tornará um *Rakshasa*.’
18. Quando implorei a ele por perdão, o sábio Ashtavakra, resplandecente com o poder das austeridades, falou-me sobre minha libertação do efeito da maldição.
19. -20. Ele disse: ‘Na *Treta-yuga*, o Senhor Nārāyana se encarnará como o filho de Dasaratha. Ele se aproximará de você e cortará seus braços, cada um com um

Yojana de comprimento. Você ficará livre do efeito da maldição naquele tempo e recuperará sua forma original.’ É como resultado da maldição daquele sábio que eu obtive este corpo monstruoso de um *Rakshasa*.

21. Uma vez, excitado pela ira, eu me opus a Indra, o rei dos seres celestiais. Ele, ó Rama, atingiu minha cabeça com sua arma, o raio.
22. Como resultado disso, minha cabeça penetrou em meu tronco e meus pés também foram destruídos. Mas, ó Rama, por causa da bênção dada por Brahmā, eu não morri apesar de ter sido atingido pela arma do raio.
23. Todos os Devas, que sentiram pena de mim por não ter um rosto, perguntaram a Indra: ‘Como ele viverá sem um rosto?’
24. Indra disse-me: ‘Seu rosto estará doravante dentro de seu tronco. Você terá braços, cada um com um *Yojana* de comprimento. Agora, vá embora daqui.’
25. Sendo assim ordenado, eu tenho permanecido aqui, capturando e comendo qualquer um que viaje através desta floresta. E agora, ó santo, você cortou meus braços.
26. -27. Em seguida, ó Rama, coloque-me em uma cova e enche-a com lenha e faça um fogo ardente. Sendo assim queimado por ti, eu obterei minha forma original. Depois disso, eu te direi sobre os modos e meios de recuperar tua esposa.”
28. -29. Ouvindo estas palavras, Rama fez Lakshmana preparar uma cova na qual o monstro foi colocado e queimado com lenha. Imediatamente, surgiu do corpo uma forma igual em beleza a Cupido, adornada com todo tipo de ornamentos. Ele circundou Rama, fez uma prostração completa diante dele, e com as palmas unidas em saudação e voz embargada pelo fervor devocional, disse o seguinte:

O Hino de Kabandha (30-56)

Ele disse:

30. “Ó Rama! Agora sinto desejo de louvar-Te, que és indivisível, ilimitado e além do alcance da mente e das palavras.
31. Tu estás além dos dois aspectos da Tua encarnação cósmica — o sutil conhecido como *Hiranyagarbha* e o grosseiro conhecido como *Virat*, ambos juntos sendo Tua forma manifesta. Distinta disso está Tua forma não manifesta como Consciência Pura, o Sujeito. Tudo além disso constitui o Objeto, o não-ser inconsciente. Portanto, ó Senhor! Como pode alguém conhecer-Te com a mente, se ela própria pertence à esfera do Objeto ou do não-ser inconsciente?
32. -33. O que é chamado *Jiva* (espírito encarnado) é um estado de identidade do reflexo do *Ātman* com o *Buddhi* na qual o primeiro é refletido. Aquilo que é a Testemunha (Permeador) da *Buddhi* e outros adjuntos, é o próprio Brahman. Ele não é um objeto de percepção para o *Buddhi*, sendo o Sujeito supremo. Ele é a Consciência inalterada e a Essência de tudo. Nele, devido à ignorância, o universo é sobreposto. O que é chamado de *Hiranyagarbha* é o aspecto sutil desta manifestação cósmica, e o *Virat* o aspecto grosseiro.

34. Teu corpo sutil, ó Rama, é digno de ser meditado por aspirantes espirituais. Esse tipo de meditação lhes trará o bem supremo, e eles assim perceberão nele o passado, presente e futuro do universo.
35. Tua manifestação grosseira chamada *Virat* é o Todo Cósmico, tendo sete revestimentos consistindo de *Mahat-tattva*, *Ahamkara*, *Akasa*, *Vayu*, *Tejas*, *Jala* e *Prithvi*, cada sucessivo sendo dez vezes mais extenso que o precedente. Este *Virat-Purusha*, Tua manifestação Cósmica, é um objeto digno para meditação, que deve ser feita como segue:
36. -39. Tu, o *Virat*, és a unidade de todo o universo manifestado, e as várias regiões do universo são Tuas partes. A parte inferior de Teus pés forma *Patala*, e a parte superior dele, *Mahatala*; Teus tornozelos formam *Rasatala*, e joelhos, *Talatala*; Tuas duas coxas constituem *Sutala* e *Vitala*, enquanto sua parte inferior forma *Atala*; Teus quadris formam *Bhuloka*, e Teu umbigo, *Bhuvvarloka*; Teu peito forma as regiões luminosas (*Jyotir-loka*) e Teu pescoço, o *Maharloka*; a parte inferior do Teu rosto forma o *Janaloka*, e a parte superior dele, a testa, o *Tapoloka*. Tua cabeça é o *Satyalo*, a mais superior de todas as regiões.
40. -41. Indra e outros Guardiões das Regiões são Teus braços; os quadrantes, Tuas orelhas; os *Aswini Devas*, Tuas duas narinas; Agni, Teu rosto; o Tempo, o movimento de Tuas sobrancelhas; e o preceptor dos Devas, Tua inteligência.
42. -43. Teu senso de 'Eu' é Rudra; Tua fala, os Mantras Védicos; Tuas presas, Yama; Tuas fileiras de dentes, as estrelas; Tua risada, a *Māyā* que ilude os mundos; Teu olhar lateral, a criação; Tua frente, o *Dharma*, e Tuas costas, o *Adharma*.
44. -45. Teu piscar de olhos constitui a noite e o dia; Teu abdômen, os sete mares; Tuas veias, os rios; Teus cabelos, as árvores; Teu sêmen, a chuva; o poder do Teu conhecimento, a grandeza manifestada no universo — tal é Teu corpo grosseiro.
46. A concentração da mente nesta Tua forma grosseira é o caminho fácil para o homem alcançar a salvação. Esta forma inclui tudo.
47. -50. Portanto, ó Rama, estou sempre meditando nesta forma Tua, uma prática pela qual uma devoção intensa é gerada na mente, com os pelos do corpo arrepiados. Quando alguém consegue meditar nesta Tua forma grosseira, imediatamente obtém a liberação. Deixemos esse assunto de lado. Agora penso em Tua forma presente aqui diante de mim — a forma segurando arco e flechas na mão, azul na compleição, vestindo roupas de casca de árvore e cabelos em tranças, dotado da frescura da juventude, engajado na busca por Sita, e acompanhado por Lakshmana. Que esta forma Tua, ó Rama, seja o objeto da minha meditação constante.
51. -52. O Senhor onisciente Shiva, junto com Parvati, está sempre meditando nesta Tua forma. Em *Kashi* ele dá com felicidade aos *jivas* moribundos o teu nome, o *Tarakabrahma* (o Mantra salvador), para sua redenção espiritual. Portanto, ó Senhor da filha de Janaka! Tu és de fato o Espírito Supremo. Não há dúvida sobre isso.

53. -54. Coberto por Teu poder de *Māyā*, o homem ignorante não Te compreende na Verdade. Saudação a Ti, Rama, o criador de tudo. Saudação a Ti, o Príncipe de *Ayodhya*, acompanhado por Lakshmana. Salva-me! Salva-me! Que Tua *Māyā* não cubra minha percepção!" Agora Rama disse:
55. "Ó *Gandharva* de classe celestial! Ó ser isento de pecado! Estou muito satisfeito com tua devoção e teu hino. Tu alcançarás Meu Estado eterno, o objetivo de todos os *Yogis*.
56. Quem recitar diariamente com devoção e concentração este hino cantado por ti, eles superarão o *Samsāra*, produto de *Ajnāna*, e atingirão o estado de intuição perpétua de Mim."

Capítulo 10

O ENCONTRO COM SABARI

Sabari e seus Antecedentes (1-19)

1. -2. O *Gandharva*, que estava prestes a partir após receber a graça do Senhor, disse agora a Rama: "Ó descendente da linhagem de Raghu! A uma pequena distância em seu caminho há um Ashrama onde vive uma asceta chamada Sabari, devotada à prática de *Bhakti*, meditando constantemente em Teus pés. Ó adorável! Vá até ela e ela lhe dará todas as informações."
3. Com essas palavras, ele ascendeu a um veículo celestial luminoso como o sol e atingiu o reino de Vishnu. Tal é o fruto de repetir o nome de Rama.
4. Agora, afastando-se daquela densa floresta infestada por animais ferozes como leões e tigres, Rama foi em direção ao Ashrama de Sabari.
5. -6. Vendo Rama na companhia de Lakshmana chegando a seu Ashrama, Sabari imediatamente se levantou com grande alegria e fez prosternações a seus pés. Com os olhos cheios de lágrimas de alegria, ela recebeu Rama e ofereceu-lhe um assento adequado.
7. -10. Ela lavou os pés de Rama e Lakshmana com grande devoção e aspergiu aquela água sobre si mesma. Oferecendo *Arghya* e outras honras cerimoniais, ela adorou Rama de acordo com os preceitos das escrituras. Então, ofereceu-lhe os frutos mais selecionados, semelhantes a néctar, que ela havia coletado especialmente para ele. Ela adorou seus pés com flores perfumadas untadas com unguentos. A Rama, que foi assim recebido com a devida hospitalidade e estava sentado junto com seu irmão, Sabari, movida por uma grande onda de devoção, falou com as palmas unidas em saudação. Ela disse:
11. -12. "Ó maior entre os Raghus! Este Ashrama é o lugar onde alguns grandes *Rishis*, que foram meus mestres, permaneceram. Por várias centenas de anos, eu

fiquei aqui servindo-os. Eles agora abandonaram seus corpos e atingiram o mundo de Brahman. No momento de partir do corpo, eles me pediram para permanecer aqui em paz. Eles me disseram:

13. -15. 'O Espírito Supremo, que existe eternamente, encarnou-Se como Rama, o filho de Dasaratha, a fim de destruir os *Rakshasas* e proteger os *Rishis*. Ele virá a este lugar. Permaneça aqui até então, concentrando sua mente no Ser Supremo. Agora mesmo, aquele grande está em *Chitrakuta*. Retenha seu corpo até que Ele venha aqui e, depois disso, você poderá queimá-lo no fogo do *Yoga* e atingir Seu Estado.'
16. Ó Rama! Envolvida unicamente na meditação em Ti, tenho permanecido aqui aguardando Tua chegada. Isso agora aconteceu exatamente como meus mestres disseram.
17. -18. Ó Rama! Até os *Rishis*, meus mestres, não tiveram a boa fortuna de ver-Te. Ó Ser imensurável! Sou uma mulher ignorante e de baixa casta. Não tenho qualificação para ser serva dos servos de Teus servos na centésima geração. O que dizer, então, da minha qualificação para servir-Te!
19. Como é que sou capaz de ver-Te com meus olhos—Tu, que estás além do alcance da mente e da fala! Ó Rama! Tu, o Senhor de todos os deuses! Não sou capaz de louvar-Te com um hino. O que devo fazer? Concede Tua graça a mim!"

Rama sobre as disciplinas da Devoção (20-33)

Rama disse a ela em resposta:

20. "O estado de ser homem ou mulher, ou pertencer a uma casta particular ou Ashrama, ou um estado de vida, ou ter qualquer nome especial não é a qualificação para minha adoração. A devoção é a única qualificação.
21. -22. Se um homem não tem devoção a mim, nem sacrifícios nem caridades, nem *Tapas*, nem o estudo dos *Vedas* e a realização de rituais podem ajudá-lo a me ver. Por Bhakti apenas sou atingido. Portanto, ó boa senhora! Falarei agora com você sobre os meios para a realização de *Bhakti*.
23. -27. O primeiro e principal destes é a associação com homens santos; o segundo é a recitação de relatos sobre mim; o terceiro, o canto de Minhas glórias; o quarto, a audição e exposição de Meus ensinamentos; e o quinto, o serviço sincero e devoto ao mestre, vendo-Me nele; a prática de hábitos meritórios, o controle dos sentidos internos, a observância de regras externas de pureza e a adoração cerimonial devota a Mim constituem a sexta disciplina; a sétima é uma repetição e contemplação devota de Meu *Mantra* com todas as suas partes. O serviço adorável de Meus devotos, vendo Minha presença em todos os seres, e o cultivo do desapego por todos os objetos externos combinados com a prática de autocontrole e outras virtudes internas constituem a oitava disciplina. A investigação de Minha verdadeira natureza é a nona. Quem tem tal devoção com esses nove membros, é elegível para Me adorar.

28. Ó nobre senhora! Quem quer que seja dotado dessas disciplinas, seja mulher, homem ou criatura bruta, essa pessoa terá *Bhakti* caracterizada por amor intenso.
29. Quando tal *Bhakti* é gerada, a verdade sobre Minha natureza brilhará sobre ele. Realizando-Me dessa maneira, ele atingirá *Mukti* nesta mesma vida.
30. -31. Portanto, está firmemente estabelecido que *Bhakti* é a causa de *Mukti*. Se uma pessoa tiver sucesso na primeira dessas disciplinas, a saber, a associação com homens santos, as outras seguirão uma a uma gradualmente. Portanto, foi declarado que *Bhakti* é *Mukti*. Você sendo assim dotada de *Bhakti* por Mim, Eu vim diante de você.
32. -33. É certo que você atingirá *Mukti*, porque você tem *Bhakti*. Eu mesmo vim diante de você. Agora, você tem alguma ideia de onde está minha bela esposa Sita? Quem a levou? Se você souber algo sobre isso, por favor, diga-me."

Sabari sobre o Paradeiro de Sita (34-44)

Sabari disse:

34. -35. "Ó Onisciente! Criador de todos os mundos! Tu sabes tudo. No entanto, Tu, o mestre de todos os mundos, apenas para seguir os modos do mundo, me fazes esta pergunta. No entanto, direi agora onde Sita está. Sita foi raptada por Ravana e está agora em Lanka.
36. -40. Não muito longe daqui há um vasto lago chamado *Pampa*. Perto dele está uma grande montanha chamada *Rishyamooka*. Lá, o líder dos macacos Sugreeva está permanecendo com seus quatro ministros em terrível temor de seu irmão Vali. Vali não pode ir ao topo daquela montanha, com medo de uma maldição sobre ele por um sábio. Digna-te ir lá, ó Senhor, e entrar em uma aliança com Sugreeva. Ele será capaz de realizar tudo para você. Agora, em Tua presença, desejo entrar no fogo, queimar meu corpo nele e atingir Teu Estado—o Estado de Mahavishnu. Então, por favor, espere um pouco aqui."
41. Fazendo este pedido a Rama, Sabari entrou em um fogo bem iluminado. Com todos os grilhões da ignorância queimados em um momento, ela, pela graça de Rama, atingiu *Moksha*, que é muito difícil de alcançar.
42. Se Rama, o Senhor do universo, está satisfeito, o que há difícil de realizar? Sabari, embora de baixa casta, atingiu *Mukti* pela graça de Rama.
43. É desnecessário dizer que um homem de alta casta, se for devoto a Rama, certamente atingirá *Mukti*. Não há dúvida na afirmação de que a devoção a Rama é a própria *Mukti*.
44. A devoção a Sri Rama dá origem a *Mukti*. Ó homens de todo o mundo! Abandonem todos os vários tipos de *Mantras* que são apenas o produto de *ajñāna* (ignorância), e com grande devoção, adorem e sirvam os pés de Rama, que podem cumprir todas as suas necessidades. Ó homens sábios! Adorem Rama, o de compleição azul, que sempre brilha no coração de Shiva.